

dúvidas, das incertezas, dos conflitos, das divisões, das fraquezas, do sofrimento. Tudo isso pertence ao cotidiano da Igreja retratada no livro dos Atos. Mas o Espírito dá força para enfrentá-lo e superá-lo e cumprir a missão que Cristo lhe confiou. Longe de ser uma Igreja utopicamente idealizada, ela é uma Igreja imersa na história humana com todos os seus conflitos e provações, mas sempre

sustentada pela presença invisível do Espírito, a força que ela recebeu do Alto.

Pe. Dr. Benedicto Beni dos Santos é professor de Teologia Sistemática e Vice-diretor da Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção para os cursos de pós-graduação.

## O ESPÍRITO SANTO E O CORPO NA LITURGIA

Pe. Dr. Gregório Lutz cssp

### 1. INTRODUÇÃO

A obra da salvação do gênero humano, operada principalmente pela páscoa do Senhor Jesus, é levada a efeito sobretudo na liturgia, enquanto nela acontece um verdadeiro encontro vital entre Deus e nós.

Dizendo “nós”, estou pensando no ser humano como uma unidade de corpo e alma, ou corpo e espírito. Também Jesus compartilhou desta concepção de homem e de mulher, herdada do Antigo Testamento. Quando os hebreus falaram em “*nephesh*”, que nós traduzimos geralmente por “alma”, eles pensaram na vida num corpo ou o indivíduo vivo. Eles nunca teriam dito que temos *nephesh*, mas que somos *nephesh*. “*Ruach*”, que nós traduzimos por “vento, sopro, hálito, espírito”, não exprime para os hebreus o contrário de carne dentro do ser humano, mas a relação dinâmica entre Deus e nós; é o ser humano enquanto ele vive debaixo da conduta de Deus. “*Basar*” tem primeiro o significado de carne em contra-posição a osso; mas também este conceito não indica algo que o ser humano tem e, sim, algo que ele é; significa a pessoa toda enquanto ela, como ser humano, está diante de Deus, em comunhão com e como membro de toda a família humana.

Sabemos que Jesus fala da alma no mesmo sentido que ele aprendeu do seu povo. Quando ele, por exemplo, diz “Quem quer salvar *sua alma*, a perderá” (Mc 8, 35), ele quer dizer, e assim nós o traduzimos normalmente: “Quem quer salvar *sua vida*, a perderá”. Paulo, quando fala em carne e espírito, ou também em corpo, do mesmo modo, não pensa em partes do ser humano, mas fala da pessoa toda sob determinados aspectos. Assim, carne significa a pessoa humana em sua limitação e fraqueza, ao passo que, por espírito, ele entende o poder do Espírito de Deus. Corpo é a pessoa toda em sua corporeidade, particularmente como lugar da comunicação, em sua relação aos outros e na possibilidade de se doar e entregar.

Notemos ainda que o nome próprio do Espírito no Antigo Testamento, *ruach*, tem uma conotação de dinamismo: vento, hálito, sopro. E quando se descreve a presença e ação do Espírito, sobretudo nos livros mais antigos da Bíblia, ele aparece como poder de Deus dinâmico, por exemplo em êxtase, com os sintomas conhecidos de convulsão, respiração aflita, raiva violenta ou uma agitação intensa (cf. ISm 10,6s; 19,20-24). Também, no Novo Testamento, observamos o poder dinâmico do Espírito de Deus

em Jesus, que se manifesta no corpo humano dele ou por fenômenos físicos, a partir do seu batismo, quando o Espírito o impeliu ao deserto (cf. Mc 1, 10-12). Não é diferente na Igreja nascente; não só no dia de pentecostes, mas também nas atividades missionárias dos discípulos de Jesus (At 8,29: O Espírito fala a Filipe; 8,39: O Espírito do Senhor arrebatou Filipe; outras vezes o Espírito Santo ou o Espírito de Jesus impede que Paulo anuncie a Palavra em regiões onde ele queria ir, por exemplo: At 16,6s). Algumas vezes o Espírito se manifesta numa ação que podemos considerar como sacramental ou litúrgica, como em Éfeso (At 19,6) ou nos capítulos 12 a 14 da primeira carta aos Coríntios. O Espírito de Deus sempre se manifesta como presente e agindo no e através do corpo das pessoas.

Nem sempre os cristãos usaram os termos: corpo, alma, espírito neste sentido bíblico, mas creio, que para nós, está claro que pelo nosso corpo somos de um lado distintos uns dos outros e de Deus, por outro lado ligados entre nós, em comunidade, inseridos na história e que no corpo também entramos em comunhão com Deus, experimentamos a salvação e somos salvos. É verdade que o corpo implica também limitação, só o nosso corpo ressuscitado, transformado e espiritualizado pelo Espírito de Deus, será a expressão plena do nosso ser, também em relação com Deus.

É neste corpo que celebramos a liturgia. Nossa tarefa é, agora, ver se o Espírito Santo está presente no nosso corpo e agindo através dele, na liturgia, e verificar, também, de que maneira isso acontece.

## 2. O ESPÍRITO SANTO NA LITURGIA PRESENTE E AGINDO EM NOSSO CORPO

### 2.1. O Espírito Santo na origem da Igreja e da liturgia

Não quero, agora, insistir na diferença entre Igreja e liturgia. Todos sabem que não há simplesmente identidade. Eu gostaria, no entanto, acentuar que a liturgia é a forma privilegiada de a Igreja ser. Assim foi também na sua origem. Não podemos separar a liturgia da Igreja.

Lembremos SC 5: "*Do lado de Cristo dormindo na cruz nasceu o admirável sacramento de toda a Igreja*". Evidentemente, quando santo Agostinho formulou esta frase, ele partiu da visão bastante comum entre os Pais da Igreja, da mesma maneira que o evangelista São João, ao descrever a morte de Jesus, dizendo que ele entregou o espírito, quis também dizer: Ele deu o Espírito, deu o Espírito Santo à Igreja. Esta doação do Espírito, o mesmo evangelista vê simbolicamente concretizada quando do lado de Jesus, aberto pela lança, jorraram sangue e água que representaram os sacramentos da Igreja; sangue da Eucaristia e a água do Batis-

mo. Portanto, dando o Espírito, Jesus cria com a Igreja também os sacramentos e a liturgia (cf. Jo 19, 30.34). O mesmo se confirma no dia da ressurreição, na primeira aparição do Senhor ressuscitado aos apóstolos, quando lhes diz: "*Como o Pai me enviou, também eu envio vocês*". Dizendo isso, soprou sobre eles e lhes disse: "*Recebam o Espírito Santo. Aqueles a quem perdoarem os pecados, ser-lhes-ão perdoados; aqueles aos quais os retiverem, ser-lhes-ão retidos*" (Jo 20, 21-23).

Notemos que o Espírito é dado do corpo de Jesus, manifestando-se em fenômenos corporais: Jesus inclinou a cabeça, jorrou sangue e água do seu lado, ele soprou sobre os apóstolos. Não era diferente em Pentecostes, conforme nos relata São Lucas, e muitas outras vezes nos Atos dos apóstolos. O Espírito é dado, visivelmente, em conformidade à constituição das pessoas que o recebem, que são seres de espírito e corpo. E quando estas pessoas dotadas de Espírito se dirigem, neste Espírito, a outros ou a Deus mesmo, o Espírito também se faz perceber no corpo: falam em línguas, seguem os caminhos que o Espírito indica ou não fazem o que ele proíbe, como já vimos em alguns exemplos.

Restringindo-nos agora mais à liturgia mesma, convém lembrar como no dia de pentecostes, depois do discurso de São Pedro, os ouvintes sentiram o coração traspasado e perguntaram: "O que devemos fazer?",

e como Pedro respondeu: "Convertam-se, e cada um seja batizado em nome de Jesus Cristo... Então receberão o Espírito Santo" (At 2, 37s). Certamente foi pelo banho do corpo que renasceram da água e do Espírito. Ou pensemos nos problemas a respeito das assembleias litúrgicas, dos quais São Paulo trata nos capítulos 11 a 14 da primeira carta aos Coríntios. Qual a solução que ele vê? Qual o fundamento da sua argumentação? É o Espírito de Deus que concede todos os dons e ministérios; é ele que neles opera. Eles se complementam no corpo de Cristo, que é a Igreja, sobretudo na Igreja reunida em assembleia litúrgica, onde aparecem da melhor maneira possível e perceptível os muitos corpos que formam o único corpo de Cristo.

Também, em muitas outras oportunidades, o Novo Testamento relata como o Espírito de Deus está presente e agindo quando a Igreja apostólica reza e celebra. Esse fato percebe-se em Jesus, conforme o evangelho de São Lucas (10,21) "*exultou de alegria sob a ação do Espírito Santo e disse: Eu te louvo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste essas coisas aos sábios e entendidos e as revelaste aos pequeninos. Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado*". Todos conhecemos os textos de São Paulo na carta aos Gálatas (4,6): "*Porque vocês são filhos, enviou Deus aos nossos corações o Espírito do seu Filho, que clama*

*Abba, Pai*”, e na primeira carta aos Coríntios 12,3): “Ninguém pode dizer ‘Jesus é o Senhor’, a não ser no Espírito Santo”. Os cânticos espirituais, que São Paulo recomenda nas cartas aos Efésios (5,19) e aos Colossenses (3,16), não serão cânticos inspirados pelo Espírito Santo durante as assembleias litúrgicas, conforme o capítulo 12 da primeira carta aos Coríntios (12,7 e 14,26)? Lembremos ainda as seguintes palavras de São Paulo na carta aos Romanos (8,26s): “Não sabemos o que pedir como convém; mas o próprio Espírito intercede por nós com gemidos inefáveis, e aquele que perscruta os corações sabe qual o desejo do Espírito; pois, é segundo Deus que ele intercede pelos santos”.

Notaram, certamente, que tudo que acabamos de ler no Novo Testamento sobre o Espírito Santo em relação à liturgia, nos fala da presença e ação dele em ligação com o nosso corpo. Mas, se me pedissem agora que eu citasse também textos que nos falam do Espírito como presença puramente espiritual, devo confessar que não conheço textos assim. No entanto, isso nem é de se admirar. Pois, como o nosso espírito não pode agir, nem pensar ou sentir sem o nosso corpo, o nosso coração, o nosso cérebro, assim também o Espírito de Deus não está presente e ativo em nós a não ser através do nosso corpo. Não podemos ouvir a palavra de Deus ou nos dirigir através de Jesus ao Pai,

senão em e por meio do nosso corpo, dos nossos órgãos. Não podemos ter comunhão com Deus, e muito menos com os irmãos e irmãs, a não ser através do nosso corpo.

## 2. 2. O Espírito Santo presente e agindo em nossa liturgia hoje

### 2.2.1 Na vida

Celebramos a liturgia assim como levamos a nossa vida, quer dizer, como seres que são corpo e alma. O cristão vive como cristão no Espírito. Nem devemos restringir este viver no Espírito aos cristãos. Quem vive o amor, quem vive para os outros, dedicando-se, doando-se, vive no mesmo Espírito de Jesus Cristo, sobre o qual o Espírito pousou para que ele evangelizasse os pobres, anunciasse a remissão aos presos, a recuperação da vista aos cegos e a liberdade aos oprimidos (cf. Lc 4,18).

A mesma fé no Espírito Santo eu vejo expressada no cântico popular “A nós descei, divina luz! vós sois a alma da Igreja, vós sois a vida, sois o amor. vós sois a graça benfazeja, que nos irmana no Senhor. Divino Espírito, descei, os corações vinde inflamar e as nossas almas preparar, para o que Deus nos quer falar!” É expressão popular da fé no lugar central que o Espírito Santo tem na Igreja e na vida dos fiéis, em imagens bem concretas, emprestadas em grande parte do corpo humano.

Não é diferente na versão mais recente deste cântico, em que com o mesmo refrão cantam-se as estrofes da antiga seqüência de Pentecostes. Invocamos o Espírito Santo como divina luz, luz dos corações, como repouso na fadiga, brandura no ardor e ternura na dor. Pedimos que lave o impuro, regue o seco, dobre a dureza, aqueça o frio, cure o enfermo. Não pedimos, assim, a cura integral do nosso ser, da alma e do corpo?

As duas versões deste cântico nos levam, também, logo à liturgia em sentido próprio. Na versão antiga este canto se cantou como *epiclese*, uma invocação do Espírito Santo antes da proclamação do evangelho. De fato, pede-se que ele prepare a nossa alma para ouvirmos bem o que Deus nos vai falar. E na outra versão, poderíamos excluir que aí se pede também entre outras coisas, a mesma cura que celebramos no sacramento da Unção dos Enfermos?

### 2.2.2. Na liturgia

Se agora queremos limitar-nos à presença e ação do Espírito Santo na própria liturgia podemos, primeiro, lembrar a constituição do Concílio Vaticano II sobre a Liturgia, que em geral é tão discreta em falar do Espírito Santo. Mas ela diz que depois do primeiro pentecostes “nunca ... a Igreja deixou de reunir-se para celebrar o mistério pascal... em Jesus Cristo... pela força do Espírito Santo” (SC 6). A Introdução Geral da Liturgia das

Horas diz em seu número 8: “Não pode haver oração cristã sem a ação do Espírito Santo, o qual unifica a Igreja toda, levando-a pelo Filho ao Pai”.

De fato, toda a liturgia é pneumatológica, quer dizer, ela se realiza sempre na força do Espírito Santo. Isso vale na sua dimensão descendente, quando o Espírito nos é dado e, igualmente, na sua dimensão ascendente, quando nos dirigimos ao Pai no Espírito. Podemos expressar o mesmo, dizendo que a liturgia é essencialmente *epiclética*, o que significa invocativa. Pelo menos, nas principais celebrações há sempre uma oração em que pedimos que Deus envie o seu Espírito. Normalmente, tal oração, é ainda, acompanhada por um gesto corporal, a imposição das mãos ou uma unção, às vezes por estes dois gestos em conjunto.

Mas, agora, vamos considerar determinadas celebrações e ritos e ver como neles o Espírito Santo se manifesta presente e agindo através do nosso corpo. Começamos com a missa. No entanto, quase tudo que podemos dizer a respeito dela, com exceção daquilo que é exclusivamente próprio da celebração eucarística, na prática vale também da celebração dominical da palavra de Deus. Em seguida, passaremos para outros sacramentos e celebrações, até o espaço e às vestes litúrgicas.

### 2.2.2.1 A missa (e a celebração dominical da palavra)

Pensemos uma vez no que acontece quando queremos ir à igreja, quando ainda estamos em casa nos decidindo se vamos ou não, quando talvez, outros ficam na cama ou na televisão ou vão ao esporte: Quem nos motiva, quem coloca o nosso corpo, as nossas pernas em movimento para irmos à igreja? E quando no caminho encontramos alguém que também vai à igreja, mas de quem não gostamos, que talvez falou mal de nós; quem nos move a dizermos, apesar de tudo, “bom dia” e a tentarmos perdoar-lhe no coração e de sorrir para ele? E quando estamos chegando à igreja, quando cumprimentamos os outros, que não são nossos parentes de sangue, nem nossos amigos especiais, quem nos diz que todos eles são nossos irmãos e irmãs e nos leva a dar-lhes a mão ou de abraçá-los? Também, quando depois rezamos e cantamos, quem nos inspira para que aquilo que proferimos seja expressão daquilo que sentimos, pensamos e desejamos? E quem faz que assim expressando a nossa fé, ela fique mais explícita, mais intensa, que ela cresça em nós? Quem nos abrirá o coração, quando somos convidados ao ato penitencial, a nos inclinar em sinal de arrependimento ou a bater no peito no “confesso a Deus Todo-Poderoso”? E quando sentamos para ouvir a

palavra de Deus ou nos levantamos para saudar o Cristo, a palavra viva, que nos falará no evangelho? Não é sempre o Espírito do Senhor que nos move? E não é o mesmo Espírito que faz o presidente da celebração reconhecer em todos os que estão diante e ao redor dele, seus irmãos e irmãs, aos quais ele acolhe de braços abertos, aos quais ele se dirige em nome de Deus e, vice versa, em nome dos quais ele levanta os braços em oração ao Pai por Nosso Senhor Jesus Cristo na unidade do Espírito Santo? Também, como o leitor e sobretudo quem lê o evangelho, o pode fazer de uma maneira que todos que o ouvem percebam, não só pelo conteúdo das palavras proferidas de qualquer jeito, mas pelo jeito de as proclamar, pela postura do corpo, pelo olhar, pelos gestos que acompanham a proclamação, que é o Senhor Jesus mesmo que está aí nos falando? Só quando os ouvintes percebem assim a presença viva da Palavra de Deus em pessoa, eles poderão, de coração, responder ao final das leituras: “Palavra do Senhor!”, “Amém!” E, depois do evangelho, “Glória a vós, Senhor!”

Assim, poderíamos continuar percorrendo ainda muito mais detalhadamente toda a liturgia da palavra da missa ou uma celebração da palavra de Deus. Olhemos, ainda, o prosseguimento da missa na liturgia eucarística. O andar na procissão das oferendas, eventualmente o caminhar

para depositar um *dinheirinho* ao pé do altar ou um *pacotinho* de alimentos no domingo do quilo significam, para cada um, mais do que este caminhar e carregar físicos. Assim, expressamos a nossa entrega a Deus e aos irmãos, no mesmo sentido em que Jesus falou, conforme a carta aos hebreus: “Preparaste-me um corpo... Eis-me aqui para fazer a tua vontade” (10,5.7). Quem nos inspira tal atitude de verdadeira adoração em espírito e verdade? E se talvez acompanhamos com o olhar o incenso que sobe do altar ou, depois, no início da oração eucarística, o levantar dos braços de quem preside a missa, ouvindo as palavras “*corações ao alto*” - quem eleva realmente o nosso coração a Deus? Não entramos assim, realmente, em comunhão com os anjos e os santos, com os quais cantaremos “*Santo, Santo, Santo é o Senhor!*” e, sobretudo, com ele mesmo? Isso não significa que perdemos o chão debaixo dos pés. É a realidade, embora sacramental, que vivemos, possibilitada pelo Espírito de Deus que nos foi dado e que age no nosso corpo, em nossos gestos e palavras, na liturgia que celebramos em e com o nosso corpo. E, assim, é levada a efeito a nossa salvação.

Da oração eucarística devemos ainda destacar, pelo menos, a *epiclese*, a invocação do Espírito Santo. O nosso pedido, assim como a vinda do Espírito Santo, se exprime, como é normal na liturgia, através de um gesto que acompanha a palavra, como é o caso

na primeira *epiclese*, quando pedimos que o Espírito venha sobre os dons do pão e do vinho. Mas não esqueçamos, mesmo que sejam apenas uma oração, que também as palavras são expressão corporal.

E a Comunhão? Poderíamos analisar a comunhão como sendo refeição, e refeição comunitária, como entrega e partilha, como banquete escatológico e nupcial. Poderíamos, ainda, destacar muitos detalhes que nos mostrariam a presença e a ação do Espírito de Deus na comunhão eucarística. Quero, no entanto, chamar à atenção, com duas perguntas, sobre o gesto ritual e corpóreo de receber o Corpo de Cristo: Por que, ao receber a comunhão, estendemos a mão esquerda e colocamos a direita por baixo, para assim formar um trono para receber o Rei da glória? E, como podemos dizer “Amém”, quando nos é dado o Corpo de Cristo, a não ser no Espírito Santo?

### 2.2.2.2 O batismo

Dentre os sacramentos, é no Batismo que é mais claramente possível perceber o rito litúrgico presente no corpo humano, sobretudo quando o Batismo se faz por imersão. A imersão na água e a emersão são um rito dos mais freqüentes e mais importantes em inúmeros mitos e religiões e mesmo nos eldorados dos lazeres. Nesta simbologia corporal representa-se com a emersão da água um novo nascimento. É necessário

que este rito nos dê, realmente, uma participação da vida do próprio Deus que só a água não conseguiria oferecer.

É da água e do Espírito que nascemos de novo. Ouçamos, ainda, o que Tertuliano escreveu a respeito, pouco depois do ano 200, em sua obra "Da ressurreição da carne": "O corpo é o eixo em torno do qual gira a ordem da salvação. Quando a alma se une com Deus, este contato se faz através do corpo. Lava-se o corpo, para que a alma fique limpa; unge-se o corpo, para que a alma seja santificada; marca-se o corpo com o sinal da cruz, para que a alma tenha proteção; faz-se sombra sobre o corpo pela imposição das mãos, para que a alma seja iluminada pelo Espírito; alimenta-se o corpo com o corpo e o sangue de Cristo, para que a alma seja alimentada por Deus. Tampouco ambos se podem separar na recompensa final, uma vez que aqui na terra estiveram tão intimamente unidos na obra da salvação" (*De Resurrectione Carnis*, 8; PL 2, 806).

### 2.2.2.3 As vestes e o espaço litúrgicos

Todo mundo precisa e gosta de ter roupa e casa. Através da roupa nos apresentamos. Pela casa nos projetamos. Roupa e casa são prolongamentos do nosso corpo. Assim, as vestes litúrgicas e a casa da Igreja são prolongamentos do nosso corpo, que formam juntos o corpo de Cristo, a Igre-

ja. Para insinuar, neste contexto, o lugar do Espírito Santo, eu gostaria de lembrar apenas duas frases de São Paulo: "*Todos vocês, que foram batizados em Cristo se vestiram de Cristo*" (Gl 3,27) e: "*vocês não sabem que são um templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vocês?*" (1Cor 3, 16).

### 3. CONCLUSÃO

Fica claro que, assim como a salvação da humanidade foi basicamente operada pelo verbo Encarnado, concebido pelo Espírito Santo no seio da Virgem Maria, operada principalmente na Páscoa de Jesus Cristo, na qual o Espírito Santo transformou o Corpo do Senhor a tal ponto que São Paulo, na segunda carta aos Coríntios, podia simplesmente dizer "*o Senhor é o Espírito*" (3,17), a nossa salvação é levada a efeito em nossos corpos sobretudo na liturgia, pela força do Espírito Santo.

Este trabalho foi apresentado pelo Pe. Gregório Lutz cssp na XI Semana de Liturgia em outubro de 1997. O Rev. Pe. Gregório Lutz é doutor em Liturgia, professor e coordenador do Centro de Liturgia e do programa de Pós-Graduação em Teologia Dogmática com Especialização em Liturgia na Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção.

## A CONFIRMAÇÃO E A INICIAÇÃO CRISTÃ DOS JOVENS

Côn. Dr. José Adriano

### 1. INTRODUÇÃO

A Comunidade cristã, já iniciada pelo sacramento do Batismo, se torna verdadeiramente missionária pelo Sacramento da Confirmação. O primeiro sacramento chama/vocaciona à vida cristã, ao discipulado/seguimento de Jesus junto aos irmãos e irmãs e o segundo envia como apóstolo/testemunha diante do mundo. A Confirmação faz amadurecer a fé recebida no Batismo e, ao mesmo tempo, é sinal de reconhecimento de que a pessoa está pronta para o apostolado. Assim, o melhor momento da vida para receber esse sacramento é o da Juventude.

#### *A juventude na Igreja*

A juventude é o momento das descobertas, dos desafios, das buscas e de intensa criatividade. Assim, também, na vida da Igreja: quando bem acolhidos e orientados, os jovens abraçam a causa do Evangelho com grande generosidade e coragem. Nunca, como hoje, os jovens se voltam para a vida eclesial através de encontros, dos movimentos de espiritualidade, da participação litúrgica e, especialmen-

te, por causa de uma profunda conversão do coração à pessoa de Jesus Cristo, modelo e exemplo para suas próprias vidas. É, pois, tarefa da Igreja despertar e animar a gratuidade própria que já existe nos jovens, desde o seu Batismo.

#### *Serviço e testemunho*

A exemplo de Cristo que é Servo Fiel e Testemunha Viva do Amor do Pai, o crismando, já designado profeta no Batismo, receberá, na Confirmação, o encargo de servir o Evangelho na pessoa dos irmãos e de ser dispensador do amor de Deus em forma de testemunho, na sociedade e no mundo de hoje. Como sal da terra, luz do mundo e fermento na massa<sup>1</sup> ele crescerá cada vez mais na consciência de que é agente transformador pela força do Espírito, responsável por mais justiça e solidariedade. Testemunho exige renúncia. Renunciar às drogas, à prostituição, à alienação, ao consumismo e a tantas outras formas de morte é um modo convincente de valorizar a vida e realizar-se como pessoa humana. Recebendo os

<sup>1</sup> Cf. Mt 5,13-14.33